

Monteiro Lobato e um Brasil por ser construído (ou reproduzido?)

Jussaramar da Silva*

Nataniél Dal Moro**

Ricardo Correia Marcondes***

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir como o projeto eugênico, tão em voga no Brasil do início do século XX, pensava a população brasileira, em particular na década de 20. Para tanto, utilizamos sobremaneira uma das muitas obras de Monteiro Lobato, qual seja: “O Presidente Negro”, que foi escrita no último lustro da década de 1920. De forma abrangente, analisamos, com o auxílio de outros autores, como o Brasil era visto neste período pelo eugenismo e, também, destacamos algumas das características do eugenismo que contribuíram para a construção do Estado Nacional brasileiro à época. Em particular, analisamos a referida obra de Lobato enfocando três questões: a fronteira imagética, a fronteira entre o rural e o urbano e, por fim, a fronteira física.

PALAVRAS-CHAVE: Eugenismo, Fronteira imagética, Cidade, Fronteira física.

ABSTRACT: The objective this article is discusses how the eugenic project, in vogue in Brazil in the beginning of the twentieth century, thought the Brazilians population, particular in the 1920's. For it, we used this way one of the many Monteiro Lobato's works “The Niger President”, wrote in the last years of 1920's. In generally, we analyze, with the help of the others authors, how was looked the Brazil about the period for the eugenism and, also, we detached some characteristics of the engenism that have contribution for the Brazilian New State construction in that period. In particular, we will analyze Lobato's works, to focuses three questions: the image frontier, the frontier between the rural and the civilized and, for end, the physic frontier.

KEY-WORDS: Eugenism, Image frontier, City, Physic frontier.

A realidade que está posta não agrada inúmeras pessoas; alterá-la também não era e não é algo tão fácil, embora a todo instante os sujeitos engajem-se nesta tarefa. Contudo, se por um lado não se pode mudar o mundo de forma concreta, por outro pode-se perfeitamente tornar concreto este mundo através do universo das palavras, mais especificamente da literatura, já que o papel aceita tudo.

Na obra intitulada “O Presidente Negro” (OPN), o escritor Monteiro Lobato (ML) materializou por meio da literatura um mundo que, no fim das contas, era o mundo tal qual ML pensava como ele era e/ou devia ser. Vale frisar que esta obra de ficção científica e/ou evento futurista foi o único romance escrito por ML. Ela foi publicada de 5 de setembro a 1º de outubro de 1926 na forma de folhetim, tendo como título “O choque das raças”. No final do mês de

* Mestranda em História (PUC-SP). Bolsista CAPES. É professora da Rede Pública nos Estados de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. E-mail: <milytita@yahoo.com.br>.

** Doutorando em História (PUC-SP). Bolsista CAPES. E-mail: <natanieldalmoro@bol.com.br>.

*** Mestrando em História (PUC-SP). Bolsista CAPES. É professor universitário. E-mail: <marcondescorreia@hotmail.com>.

dezembro de 26 a Companhia Editora Nacional aglutinou os escritos e lançou, na forma de livro, 16 mil exemplares. Mas quem foi mesmo ML?

Monteiro Lobato nasceu em 1882 na cidade de Taubaté, interior da então Província de São Paulo e faleceu em 1948, vítima de tuberculose. Lobato era formado em Direito e exerceu o cargo de promotor público. Quando tomou posse da herança deixada por seu avô tornou-se fazendeiro. Foi graças a este dinheiro que conseguiu viabilizar a publicação de seus primeiros textos em jornais e revistas. Boa parte destes escritos vieram a compor, anos depois, o livro “Urupês”, que é considerada uma obra-prima dentre todos as publicações de ML.

Posteriormente foi um dos proprietários da Editora Companhia Nacional, sendo que passou a viabilizar a publicação de obras de inúmeros autores, algo até então muito difícil, pois a maioria dos materiais eram editados na Europa, sobretudo nas cidades de Paris e de Lisboa. Em razão da sua atuação literária, pode-se dizer que ML foi um dos mais expressivos contistas e ensaístas do Brasil. Além disso, também foi tradutor.

Escreveu no mínimo 3 dezenas de livros. Ao consultar os títulos das obras completas de Monteiro Lobato, composta de 30 volumes, vê-se que a mesma está dividida em “Literatura Geral” (13 volumes) e “Literatura Infantil” (17 volumes), publicado em 1948 pela Editora Brasiliense Ltda, com sede na Rua Barão de Itapetininga, n. 92, na cidade de São Paulo. Grande parte desta monumental obra era e é muito próxima do publicado infanto-juvenil. Emília, Pedrinho, Visconde de Sabugosa, Cuca, Saci Pererê, Dona Benta, Marquês de Rabicó e Narizinho são alguns dos personagens que povoam os escritos de ML em obras que extrapolaram em larga medida o campo da escrita impressa, pois foram também para o teatro, a televisão e o cinema.

Além dos livros infantis, ML empreendeu sua atenção em obras que muito demonstram-no como um sujeito histórico engajado em várias causas. Na obra denominada “A onda verde” (1920), para exemplificar, o escritor externa como os cafezais avançaram pelas terras roxas do oeste paulista; em “Mundo da lua e miscelânea” (1948) observa-se as impressões do ML viajante, pois relata sua ida de São Paulo para Cuiabá, em especial via transporte aéreo.

Na obra “O Presidente Negro”, publicada no ano de 1926 no Jornal d’A MANHÃ¹, existe um relato muito esmiuçado não apenas de como era o futuro eugênico dos Estados Unidos da América (EUA) (e porque não do Brasil?), mas sim uma descrição da vida citadina e urbana

¹ Era, em 1926, o jornal de maior tiragem no Brasil.

do nosso País na década de 1920, do cotidiano do espaço público e da importância que um veículo representava para o seu proprietário. Ademais, ML fala-nos da criação da República do Paraná e da despigmentação do que ele chamou de “raça negra”. Defende também os ideais eugênicos de forma muito explícita, critica o consumismo extremado da década de 1920 e nos fala da luta entre os sexos, também em referência ao tempo no qual ele estava.

Sendo assim, o escritor em pauta constrói e, não menos, destrói via texto literário o que se pode chamar de *fronteiras literárias*. Portanto, neste ensaio crítico objetiva-se externar aspectos destas *fronteiras* que, mesmo sendo literárias e fruto da imaginação de ML, não deixam de ter sua própria historicidade e, ao mesmo tempo, correspondência com o mundo material. Falar-se-á de uma *fronteira imagética*, de uma *fronteira cidadina e urbana* e de uma *fronteira física*. Em síntese, fala-se de uma *fronteira*, de um pensar, que objetiva – via texto literário – construir uma outra concretude histórica.

1. A construção científica de uma fronteira imagética

Monteiro Lobato conseguiu construir um livro em que o título está totalmente voltado à concepção de extremidades. Temos a imagem de um homem Negro dentro da presidência norte-americana, caso raríssimo em acontecimento, isso se puxarmos o processo político-ideológico do país e bem entendermos o significado do homem Branco dentro de sua estrutura desde as suas primeiras províncias.

Em seu livro “O Presidente Negro ou o Choque das Raças” ele explorou diversas questões dentro de um ambiente futurista, mas que se observarmos com calma em nossos dias, essa percepção de *choque* acabou se tornando algo quase que profético.

O livro começa apresentando o personagem Ayrton Lobo, que mora no Rio de Janeiro em plena década de 20, mais especificamente 1926. Era um trabalhador assalariado e simples como qualquer um da grande cidade, mas possuía uma “aura” filosófica puxada de Descartes que fez com que compusesse a sua própria filosofia de vida: Penso e Sou.

Trabalhava em uma empresa ritmada pelo capitalismo cotidiano e frenético de uma metrópole conhecida como Sá, Pato & Cia. Cumpria seus horários e tarefas como um trabalhador qualquer, mas a subjetividade dele com o desenvolvimento produtivo e consumista da década fizeram com que ele se sentisse um ser *além* dos outros. O sonho em ser um grande Ser fez com que comprasse um belo carro do ano, uma máquina que iria torná-lo superior como um “rodante”

diante o resto do mundo, assim o poder da velocidade do motor fez com que ele ignorasse todos os “pedestres”, ou seja, o seu passado.

Estava desta forma, amplamente abraçado com o americanismo subjetivo do momento, consolidando-o como a uma prática no cotidiano da americanização:

Talvez o americanismo passa a ser entendido como uma ideologia política programática, em que o sufixo *ismo* tinha se transformado num poderoso armamento intencional planejado com claro objetivo de suplantar outros *ismos* autóctones. Já americanização parece colocar em “prática” as propostas ideologizantes do primeiro conceito. Isto é, o americanismo prepara o campo para a americanização (TOTA, 1997, p. 116).

A cultura consumista da década foi reproduzida pelo novo cidadão “rodante”, isso até as conseqüências do álcool, que fez com que Ayrton batesse o veículo, terminando desta forma a “sonho material” tão almejado pelo desejo.

Após a batida, um senhor mal visto por toda a cidade chamado Benson deu-lhe assistência médica e, principalmente, mental para a sua recuperação junto a natureza. O silêncio conseguiu tranquilizar o forte ritmo da loucura aprendido na cidade, obtendo desta forma uma sensibilidade que nunca tinha sentido até então. Assim, diz Ayrton:

Caminhei por espaço de meia hora e, no alto de uma colina, sentei-me no topo de um cupim para admirar a vista soberba dali descortinada. Impressionava estranhamente aquele castelo de inexplicável arquitetura, em meio duma natureza rude e calma, onde só uma ou outra ave silvestre rompia o silêncio com o seu piar.

Afeito ao meu viver de cidade, no tumulto das ruas, aquele silêncio punham-me novidades n’alma. Senti no cérebro um refterver de idéias novas, a saírem da casca que nem pintos (LOBATO, 1979, 16).

Benson colocou Ayrton mais próximo de si mesmo através da reflexão realista-científica, algo antes completamente desconhecido. Essa nova visão, gradualmente aprendida, aproximou o “ex-rodante” a observar a velha vida citadina que construía junto à subjetividade reprodutora voltada à simples sobrevivência. A visão absorvida da realidade criada dentro da cidade fez com que a consciência dele começasse a despertar a rejeição do passado e a fúria diante da exploração no trabalho.²

Essa nova percepção de realidade fez com que Ayrton observasse melhor o mundo das coisas, compreendendo que a sociedade forma um *Grande Corpo Social*, um conjunto ligado

² O mesmo sentimento de revolta aconteceu com um senador idealista chamado Smith, que saiu de uma pequena cidade e foi a Washington lutar sozinho contra implacáveis políticos reunidos para destruí-lo. Assistir o filme: *A Mulher Faz o Homem (Mr. Smith Goes to Washington)*, de Frank Capra (1936).

intimamente em si mesmo, fazendo os cidadãos reproduzirem cotidianamente os atos, os paladares, as comunicações..., enfim, a relação em poderes:

As vantagens de ocupar-se do corpo, fazendo ouvidos moucos às preferências de aproximações disciplinares particulares, provêm de concebê-lo desde sua característica mais inquestionável: ser a essência que organiza a vida em si – o individual e a social – e o expoente de características que o fazem objeto de determinadas atenções e lhe aplicam valores particulares, tanto para a vida individual como para a social e a cultural, em torno de fatos como o nascimento, o crescimento, a alimentação, as práticas sexuais, a reprodução, a doença, a raça, a dor, as emoções, o movimento, o trabalho, a aprendizagem, o vestuário ou a morte, enfim, tudo o que compõe a vida das pessoas, o desenvolvimento das sociedades e o ordenamento cultural. Apreciar o corpo por meio das acepções histórico-antropológicas de suas propriedades e necessidades atende, de maneira mais cabal, aos fatos em torno dos quais está construída a vida humana, organiza-se a sociedade e se produz sentido (GÓMEZ, 2002, p. 84).

Após a morte do professor, assumiu o cargo de *educação científica e intelectual* a filha do Sr. Benson, a bela, inteligente e loira Miss Jane. Complementando as aulas do pai ela usou o Porviroscopio, um aparelho que apresenta imagens do futuro, assim mostrou o poder futurista a Ayrton dos acontecimentos do ano de 2228 nos Estados Unidos. Miss Jane conseguiu apossar-se da herança mais preciosa do mundo deixada pelo seu pai: o conhecimento científico.

Miss Jane começou a mostrar as imagens do mundo ainda por vir a acontecer, e nelas estava a eleição à Presidência da República norte-americana dividida entre três candidatos: um homem branco (Kerlog), um homem Negro (Jim Roy) e uma Mulher loira (Miss Evelyn Astor). Dentro da cultura local, a supremacia do homem branco e civilizado deveria ser suprema diante da construção histórica dos personagens do país:

De um lado, simbolizando a cultura capitalista dos ianques – caracterizada por sua luta para subjugar a selvageria e a natureza –, temos o homem branco, quase sempre representado pela figura do Tio Sam. De outro lado, simbolizando a América Latina, temos as figuras de índios, negros, mulheres, crianças e até a população de pobres excluídos: grupos que, por hipótese, jamais puderam ostentar o ímpeto capitalista para controlar, dominar e superar a natureza (PIKE, 2001, p. 45-46).

Os homens se uniram, no princípio, para enfraquecer o poder feminista de Miss Evelyn, isto, pois dentro da natureza divina dos seres a mulher tem outras ocupações e preocupações mais importantes do que se meter em algo tão bruto e racional como a política. Dentro desta concepção, machista e controladora do mundo norte-americano, o partido feminista tentou sobreviver até o último suspiro de força, mas enfraqueceu-se até abandonar a luta presidencial:

Embora poucos tenham se dado realmente conta desse fato, o feminismo nos Estados Unidos na década de 20 simbolizou uma batalha em favor de todas as

“pessoas naturais”, não só das mulheres norte-americanas, de índios, negros, crianças e pobres, mas, inclusive, dos latino-americanos; hoje em dia, não por acaso, os críticos da cultura capitalista nos Estados Unidos já perceberam uma relação entre as causas e os efeitos da colonização externa e interna (PIKE, 2001, p. 57).

Interessante percebermos a influência do conflito dentro do próprio conflito, ou seja, o conflito racial ainda suporta o feminismo até conseguir excluí-lo definitivamente. Na verdade, dentro da ideologia norte-americana, esta “exclusão” nada mais representa do que a naturalização das posturas sociais dentro da essência nacional e patriótica criada dentro da alma americana, ou seja, simplesmente as coisas em seus devidos lugares:

Infinitas satisfações existem em cada promessa da alma, e como uma necessidade cada um de seus prazeres torna-se maduro. Frente à primeira manifestação de um sentimento de ternura, a Natureza, que não pode ser aprisionada, fluindo, previdente, antecipa a benevolência que perderá todos os cuidados particulares sob sua luz geral. É o encanto da vida humana o prólogo a essa felicidade que ocorre na relação carinhosa e particular entre um e um, que, como raiva e entusiasmo divinos, se apossa do corpo; une o homem à sua raça, devota-o às relações domésticas e cívicas, atrai-o com uma simpatia para a natureza, intensifica o poder dos sentidos, abre a imaginação, acrescenta ao seu caráter atributos sagrados e heróicos, estabelece o casamento e permanência à sociedade humana (EMERSON, 2003, p. 121).³

Com a vitória da raça negra masculina, símbolo do “real” poder, o choque das raças tornou-se algo direto em campanhas eleitorais. Dentro desse momento, o inesperado aconteceu: Jim Roy consolidou-se como o primeiro Presidente Negro da história norte-americana. A voz do sul americano foi representada pelas urnas e finalizando a batalha política.

Mas, o conhecimento *hereditário* científico é a herança mais poderosa para a reconstrução das coisas e dos seus limites. A arma para a contra-partida dos homens brancos não se deu de forma violenta, sangrenta e corpórea, pelo contrário, o conhecimento do controle social aparece na forma de ciência, o que demonstra o poder da educação e do seu desenvolvimento dentro de uma sociedade, tanto para o crescimento como para a reprodução, tanto para ajudar como para dominar/subjugar outros sujeitos.

Quem olhasse de um ponto elevado o panorama histórico dos povos, veria, na França, uma flâmula com três palavras; na Inglaterra, um princípio diretor, Tradição; na Alemanha, uma fórmula, Organização; na Ásia, um sentimento, fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a América perceberia fluidificado no ambiente um princípio novo – Eficiência.
[...]

³ Foi o primeiro filósofo verdadeiro do espírito americano. Emerson tentou construir uma moral no território que é hoje os EUA, isso durante o século XVIII.

O princípio da eficiência resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os problemas morais. Na operosidade e uniformidade do tipo, aquele povo lembrava a colméia das abelhas. Quase não havia distinguir um indivíduo de outro, pois tomar um homem ao acaso era ter nas mãos uma poderosa unidade de eficiência dentro de um admirável tipo de ariano pele-avermelhado (LOBATO, 1979, 89).

Dentro dos Estados Unidos, o predomínio da educação voltada à evolução tecnológica e química foi muito forte dentro dos pensamentos sociológico, político e educacional científico. Uma das grandes bases teóricas para a construção do “Modernismo” foi o pensamento de Max Weber dentro da prática acadêmica, criticando assim o “romantismo” alemão. Desta forma, a ciência não é uma disciplina, mas uma vocação para o desenvolvimento da sociedade pela ciência:

O tipo de relação entre o trabalho científico e os pressupostos que o condicionam varia, também, consoante a estrutura das diversas ciências. As ciências da natureza, quais a física, a química ou a astronomia pressupõem, com total naturalidade, que vale a pena conhecer as últimas leis do devir cósmico, na medida em que a ciência esteja em condições de estabelecê-las. Isso não somente resultados técnicos, mas, acima de tudo, porque esses conhecimentos têm um valor “intrínseco”, na medida, precisamente, em que traduzem uma “vocação”. Nenhuma pessoa poderá, no entanto, demonstrar tal pressuposto. Menos ainda se poderá provar o mundo que esses conhecimentos descrevem merece existir, que ele encerra sentido ou que não é absurdo habitá-lo. Aquele gênero de conhecimentos não se propõem a esse tipo de dúvida. Neste momento, sirvamo-nos de um outro exemplo, o de uma tecnologia altamente desenvolvida sob a ótica da ciência, assim como é a medicina moderna (WEBER, 2006, p. 43-44).

A ciência e seus estudos específicos em laboratórios conseguiram criar, dentro da obra de Monteiro Lobato, uma rápida e eficiente solução para todos os problemas acontecidos perante a presidência de um Negro. Uma arma em forma de vacina conhecida como *raio Omega* atingiu a massa sulina negra em forma de consumo, uma nova cultura lançada e apreciada. Aos poucos e após algumas injeções quase toda a população negra estava mudando a pigmentação da pele e dos cabelos. Todos estavam brancos, inclusive Jim Roy que se suicida devido o forte impacto cultural criado. Desta forma os brancos voltaram ao poder para o re-estabelecimento da paz social e para a re-construção dos bons costumes guiados pelo amor paterno em todos os jovens corações americanos. Sobre o amor, complementa Emerson:

Para o jovem a paixão reconstrói o mundo. Ela faz todas as coisas vivas e significantes. A natureza se torna consciente. Nesse momento cada pássaro sobre os galhos da árvore canta para sua alma e seu coração. As notas são quase articuladas. Quando se olha para as nuvens se vê rostos. As árvores na floresta, a relva ondulante e as flores que desabrocham se tornaram inteligentes; e ele quase chega a temer revelar-lhes o segredo que elas parecem solicitar. No

entanto, a natureza pacífica e simpática. Na verdejante solidão encontra uma morada mais aprazível que entre os homens (EMERSON, 2003, p. 125-126).

Por fim, Miss Jane finalizou a história para Ayrton, que diante uma nova postura começou a escrever um romance. Assim como nos EUA, o amor superou a fronteira da razão social através de um beijo. O amor em subjetividade nacional pôs-se de joelhos à racionalidade científica, concretizando o poder da fronteira imagética do homem ao próprio homem.

2. A cidade (eugênica) do amanhã ou: No presente deles está o futuro que (não) almejamos

No romance OPN a cidade possui expressiva importância. É nela que a história possui território inicial. O sujeito Ayrton⁴ é uma pessoa do mundo citadino, bem ao estilo do sujeito relatado nos escritos de Charles Baudelaire (2004). Vive e trabalha no espaço da cidade. Para este personagem, tudo (de importante) se passa na cidade. Ela é o *locus* de tudo. Fora dela não há coisas relevantes. Fora dela não há civilização, progresso, modernidade e nem pessoas interessantes.

No espaço da cidade, o personagem Ayrton – que era funcionário de uma empresa de cobrança – flava com total liberdade e inigualável desenvoltura. Sentia-se, na rua, como se estivesse na própria casa. Habitava o espaço público, não é inoportuno externar, com grande privacidade.

Esse profundo conhecimento da cidade fez com que Ayrton conseguisse até dividir os sujeitos que a territorializavam. Para ele havia dois tipos de pessoas na cidade: os pedestres e os rodantes. Isto, por seu turno, é um indicativo de que o “americanismo” se dava no Brasil ainda na década de 1920, via inserção de automóveis da marca Ford, porém apenas para a minoria das pessoas. Nesse sentido, o texto literário/ficcional de ML pode ser entendido muito mais como “americanização” do que como “americanismo”, já que o “americanismo”, segundo Lúcia Lippi Oliveira, é um modo de vida que externa que o consumo deve ser, pelo menos na teoria, para todos (OLIVEIRA, 2000, p. 9-67).

Por outro lado, a “americanização implica muito mais na adoção, quase que mecânica – por meio da importação de produtos –, do modo de ser da sociedade capitalista dos EUA. Além disso, oportunas são as inferências do pesquisador Robert Wegner. Ele ressalta que embora a “americanização no Brasil” tenha golpeado a aristocracia rural e diluído a cordialidade, por outro

⁴ Este é o personagem principal do romance, porém, as coisas que ele fala sobre o futuro só são possíveis por causa dos relatos de uma moça chamada *miss Jane*.

turno, ela não trouxe consigo nem a “[...] *civilidade e nem novas instituições políticas.*” (WEGNER, 2000, p. 49). Ademais, Wegner cita Sérgio Buarque de Holanda, pois este afirma que é preciso que o Brasil construa um caminho de “americanismo” e não que copia/imita o modelo de “americanização” empreendido pelos EUA.

Dito de outra forma, o personagem em pauta (nem tanto Ayrton, mas em especial ML) sinaliza que o Brasil dos anos 1920 passava cada vez mais a ter veículos automotores como meio de transporte. Logo, indica que a sociedade estava organizada entre os que não tinham automóvel (o que era a maioria) e os que eram motorizados. Sinaliza também, e é sobretudo isso que mais importa neste momento, que para ser moderno e melhorar o valor do ordenado nos anos 20 era imprescindível ter um Ford. O senhor Ayrton tinha um e, por causa disso, teve seu ordenado acrescido de forma significativa.

Foi também por causa do trabalho de cobrador na empresa Sá, Pato & Cia que Ayrton ouviu falar de um tal professor Benson. Sujeito esse que nunca perdia dinheiro ao comprar ações e títulos em geral. Em razão do mesmo serviço de cobrador o sr. Ayrton dirigiu-se para a zona rural de Friburgo-Rio de Janeiro e, por causa de um acidente no qual teve seu Ford destruído, foi acolhido pelo tal do prof. Benson, que era filho de um mineralogista norte-americano e de uma descendente de fazendeiros do Estado de São Paulo. Este prof., por sua vez, enviuvou muito cedo e tinha apenas uma filha que se chamava Jane. Sempre mencionada como *miss Jane*.

O sr. Ayrton passou uns 20 dias na casa do prof. Benson, que ficava não na cidade, mas sim no campo. Ayrton tornou-se confidente do prof. Benson. Passou então a ouvir as experiências que Benson realizava, que eram fruto de mais de 30 anos de pesquisa. O produto principal desta empreitada foi a construção de um complexo laboratório que possuía equipamentos que possibilitavam aos sujeitos que o operavam, e/ou próximo dele estavam, conhecer o futuro até o ano de 3257 (LOBATO, 1948, p. 218). Era “*a maquina de sondar o futuro!*” (LOBATO, 1948, p. 197).

Por meio deste aparelho o sr. Ayrton – personagem criado por ML – viu uma sociedade bem distinta da que havia no ano de 1926. É bom frisar que o relato, entenda-se aqui representação – diz muito mais sobre aquele que o escreve do que sobre aquele que é relatado. A ação de representar é, como bem afirmou o pensador francês Pierre Bourdieu, uma prática que visa, em último nível, se distinguir de outra representação, sobretudo das hegemônicas. A

representação visa “fazer crer e fazer ver” (BOURDIEU, 1996, p. 108) um outro mundo social. Portanto, sem dúvida, o romance escrito por ML objetivava também isso.

Segundo Maria Ana Quaglino (2004), o próprio ML partilhava das bases do pensamento higienista e eugenista sobre raça. A base deste pensamento residia nas reflexões contidas nos escritos de autores como Gustave Le Bon (1841-1931), Hyppolite Taine (1828-1893) e Ernest Renan (1823-1892). De acordo com Quaglino (2004, p. 1):

Uma análise da correspondência do autor com cientistas da época [...], literatos, editores estrangeiros, amigos e parentes, assim como da obra adulta e infantil do autor revelam que Lobato até o fim da sua vida, em 1948, não repudiou tais idéias e que estas estão presentes ao longo de sua obra.

Essa sociedade ficcional – portanto não a sociedade de ML, mas sim a do século XXIII – não valorizava mais o automóvel como meio de transporte. A fraude, a prostituição, o crime e os enfermos tinham sido eliminados por meio da política eugenista em vigor, que selecionava inclusive os sujeitos que podiam reproduzir a raça eugênica. O jornal não era impresso e as pessoas não saíam de casa para trabalhar. Também não havia problemas de ordem social – a pobreza não existia mais – entre os sujeitos que habitavam algumas partes do globo. Detalhe de grande relevo: a “raça negra”, adjetivada de “raça infeliz” (LOBATO, 1948, p. 250) e de “raça triste” (LOBATO, 1948, p. 268) deixou de existir neste tempo. A ciência foi que fez tal tarefa. Primeiro despigmentou os negros e, depois, tornou-os estéreis. Contudo, a lei também teve grande participação neste processo.

Em 2031 o político Owen⁵ instituiu a lei espartana que, por sua vez, legalizou a esterilização dos tarados, que eram considerados como a “má semente” (LOBATO, 1948, p. 281). Esta legislação possibilitou uma

[...] elevação física, mental e moral que nem o proprio Owen chegara a sonhar. Fecharem-se as prisões e com elas os hospitais, os hospícios e asilos de toda especie. E os sociólogos da época entraram a assombrar-se da estupidez dos seus ancestrais... (LOBATO, 1948, p. 281).

Essa sociedade de pessoas selecionadas fez uma revolução social através da via natural. Bastou selecionar os indivíduos para que bandidos, doentes, loucos e inválidos deixassem de atrapalhar os “normais”. Esse posicionamento reforça ainda mais a idéia de que na natureza só deviam existir algumas pessoas e não todas as que outrora existiam. Mas e o resultado desta lei, qual foi?

⁵ Owen é uma cidade localizada no sul da Alemanha. Tinha, de acordo com dados de 2006, menos de 3.500 habitantes. Esta região possui forte tradição arianista.

De ha muito se haviam eliminado as hipoteses de fraude, não só porque a seleção elevava fortemente o nível moral do povo, como ainda porque a mecanização dos tramites entregava todo o processo eleitoral ás ondas hertzianas e á eletricidade, elementos estranhos á politica e da mais perfeita incorruptibilidade (LOBATO, 1948, p. 243).

Essa realidade propiciada pelo “nível moral do povo” contribuiu igualmente para a existência de um espaço urbano-citadino ideal; em outras palavras, a cidade foi disciplinada por meio das práticas eugênicas. A eugenia limpou as cidades, tornando-as livres de sujeitos indesejáveis, como os fraudadores, os pobres, os doentes, os cegos, os que tinham pele negra, entre tantos outros.

No futuro, os jornais não eram “[...] *nada relembrativos dos de hoje. Eram irradiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas.*” (LOBATO, 1948, p. 235).

O trabalho passou igualmente por outra imensa transformação. Ninguém mais precisava abarrotar as ruas, ir de um lado para o outro, ir para o local de trabalho e retornar posteriormente para seu lar, práticas essas que tornavam os espaços públicos da cidade, tais como calçadas e ruas, cheios de algo que não precisava existir. Com a evolução, que foi por via eugênica, o homem tinha encontrado um meio de não mais ser escravizado pelo mundo social. O mundo social é que passou a servir o mundo natural.

O rádio que temos hoje é um simples ponto de partida. Vale como valem para a eletricidade moderna as primeiras experiencias de Volta⁶. Descobriram-se novas ondas, e o transporte da palavra, do som e da imagem, do perfume e das mais finas sensações tácteis, passou a ser feito por intermédio delas. A consequencia logica foi uma grande transformação da vida. Pelo sistema atual vai o homem para o serviço, para o teatro, para o concerto – um ir e vir que constitue um enorme desperdicio de energia e é o criador dos milhões de veiculos atravancadores do espaço, bondes, autos, bicicletas, trens, aviões e outros. Com a fecunda descoberta das ondas hertzianas e afins, e sua conseqüente escravização aos interesses do homem, o ir e vir forçado se reduziu a escala minima. O serviço, o teatro, o concerto é que *passaram a vir ao encontro do homem*. Foi espantosa a transformação das condições do mundo quando a maior parte das tarefas industriais e comerciais começou a ser feita de longe pelo radio-transporte (LOBATO, 1948, p. 235-236).

Com a “evolução” material proporcionado diretamente pela “evolução” biológica, a vida ficou muito mais fácil. Ao mesmo tempo em que o homem (branco) eliminou por meio da ciência a “raça infeliz”, este mesmo homem também passou a viver melhor. Deixou que ser escravizado, pois tinha que “ir e vir” em função do trabalho.

⁶ Alessandro Giuseppe Antonio Anastasio Volta (1745-1827) era um físico italiano e inventou a bateria. Volta criou o eletróforo, que é uma máquina que produz eletricidade estática.

Na cidade, em 2228, não havia nada

[...] de tumulto, de anarquia, de desnecessárias violências na linguagem e nos atos. É que os processos seletivos tinham banido da sociedade os tarados, inclusive os retóricos. Todas as perturbações do mundo vinham da ação anti-social desses maus elementos. Até a vitória prática do eugenismo, a desordem humana raiara pelo destempero – e não podia deixar de ser assim, visto como um alcoolatra, um retórico ou um burocrata tinham tanta liberdade de encher o mundo de futuros pensionistas das prisões, dos prostíbulos e das câmaras de deputados como um homem são de o povoar de silenciosos homens de bem (LOBATO, 1948, p. 280).

Essa cidade ideal, e isso fica bem claro no texto de ML, só foi possível por causa do eugenismo que eliminou a miséria produzida por pessoas inadequadas, em outras palavras, pessoas não selecionadas. Esse elemento é central durante todo o romance, assim como a necessidade biológica da “raça branca” eliminar a “raça infeliz” para que o mundo fosse transformado em “algo melhor”. A eugenia é vista como o meio adequado para a solução dos problemas morais e político-sociais da humanidade, como, por exemplo, as greves de 1917 na cidade de São Paulo.

É importante, neste momento, externar que, no Brasil, tanto as ações higienistas, como as sanitaristas e as eugenistas tinham em comum o objetivo do saneamento. As ações higienistas, por seu turno, possuíam como objetivo básico livrar o máximo possível a cidade das mazelas decorrentes da falta de higiene. Fazia-se isso por meio da limpeza dos espaços públicos e privados.

As ações sanitaristas, além disso, também praticavam o reordenamento da cidade, prática que incluía a destruição de habitações consideradas inadequadas aos ideais sanitaristas. Já as ações eugênicas, além de todas essas práticas, valeram-se sobremaneira de outras, abrangendo também as esferas social e moral.

Para Maria Izilda Santos de Matos, o

[...] discurso eugênico apresentava alguns pontos básicos para a regeneração social e moral dos cidadãos brasileiros: a luta contra a sífilis, vinculada a defesa da abstinência sexual antes do casamento, e a fidelidade conjugal como elementos saneadores da sociedade; combate à prostituição, ao álcool e às drogas; defesa da educação sexual e moralização dos costumes; o aperfeiçoamento de medidas legislativas de higiene pré-nupcial e regulamentação da imigração (MATOS, 2005, p. 57).

Nessa cidade eugênica, a passeata, inclusive, era coisa folclórica e não tinha mais utilidade. Não existia na cidade eugênica. Era apenas uma “curiosidade”, até pelo “nível moral do povo”.

Miss Elvin apenas ressuscitou a velha praxe a título de curiosidade estética. Como vemos hoje exposições de arte retrospectiva, teve ela a ideia de organizar coisa semelhante – uma passeata á nossa moda, com discursos em rançoso estilo retórico, nos quais se expusessem á luz do dia caducas imagens ha muito aposentadas. Reuniu um lote de dez mil correligionarias para um desfile diante do Capitolio. Cada qual traria uma bandeirola ou cartaz onde se caricaturassem de maneira cruel os homens ou se inscrevessem legendas insultantes – *Abaixo o macaco glabro! Morram os raptos! Viva o Sabino! Basta de gorilas evuluidos!* (LOBATO, 1948, p. 244).

Folclórica também se tornou a miséria, já que não era uma coisa produzida pelas relações sociais, mas sim pela natureza do próprio sujeito que integrava a “raça infeliz”, logo, acabando com o negro acabava-se com a miséria.

O trecho a seguir é muito adequado para ilustrar este pensamento eugenista contido na obra “OPN”:

Até a miseria, cancro julgado pelos velhos filosofos como contingencia humana, viu-se gradualmente extinta á proporção que o progresso seletivo operava os seus logicos efeitos. Com ela desapareceram automaticamente a prostituição e as formas baixas do crime.

O direito de reprodução passou a ser regido pelo Codigo da Raça, o mais alto monumento da sabedoria humana. Só quem apresentasse a serie completa de requisitos que a Eugenia impunha – requisitos que assegurassem a perfeita qualidade dos produtos, é que recebia do ministerio da Seleção Artificial o *brevet* de “pai autorizado.” (LOBATO, 1948, p. 288).

Através desta seleção só nasciam indivíduos física, mental e moralmente “adequados”, ou seja, bonitos e inteligentes, o que não deixa de sinalizar que eram brancos e não negros.

As criaturas autorizadas a procriar constituíam uma especie de nobreza. Todos as respeitavam como as eleitas da especie, preciosas linhas diretrizes do amanhã. O supersticioso acato que mereciam outrora os duques, marqueses e barões por mercês arbitrarías de tronos e solios pontificados, passou a caber aos pais pelo simples fato de serem pais. Ser pai valia por um diploma de superioridade mental, moral e física, conferido pela natureza e confirmado pelos poderes públicos (LOBATO, 1948, p. 283-284).

Por meio desta passagem, que guarda muita proximidade com o conceito de elite formulado por Gaetano Mosca (1966) e lapidado por Vilfredo Pareto (1966) no início do século XX, vê-se claramente a força do pensar eugênico no escrito literário de ML.

O discurso eugênico procura naturalizar as práticas sociais, dando a entender que a política nada mais é do que uma instituição que existe apenas para externar o que já está biologicamente dado, prática essa que era muito comum no Brasil das primeiras décadas do

século XX, tanto que em 1918 foi fundada por Renato Kehl, na cidade de São Paulo, a Sociedade Eugênica de São Paulo que agrupou inúmeros sujeitos, inclusive Monteiro Lobato.⁷

O saneamento citadino (limpeza dos espaços urbanos) e também o saneamento moral (sociedade sem conflitos) era um dos objetivos iniciais do movimento eugenista brasileiro que, em contraponto, combatia o alcoolismo e as doenças mentais.⁸

Veja-se que a natureza (mundo biológico e portanto predeterminado) confere algo, ao passo que os poderes públicos (mundo social e portanto historicamente construído) deviam apenas e então somente confirmar que o sangue valia mais que a lei.⁹ Não é impróprio colocar em evidência que a palavra “confirmar” significa e objetiva, neste contexto, “mostrar a verdade de” alguém sobre determinado assunto. Verdade essa que é a do sangue da “raça branca”.

De acordo com a experiência do futuro (bem sucedida e não fracassada com a do presente), basta que o homem (branco) siga as leis da natureza e não mais as leis sociais, tais como as da Revolução Francesa. Fazer isso implicou em resolver eficientemente os problemas materiais da humanidade. Logo, melhorou fantasticamente o cotidiano urbano da cidade, já que ocorreram transformações das mais amplas possíveis, antes já mencionadas neste texto.

Depois destas transformações, a cidade eugênica passa a ser um local que tinha ruas

[...] amáveis, limpas e muito mansas de tráfego. Por elas deslisavam ainda veículos, mas raros, como outrora nas velhas cidades provincianas de pouca vida comercial. O homem tomou gosto no andar a pé e perdeu os seus hábitos antigos de pressa. Verificou que a pressa é índice apenas de uma organização defeituosa e anti-natural. A natureza não criou a pressa. Tudo nela é sossegado (LOBATO, 1948, p. 236-237).

Até mesmo a estrutura física da cidade deixou de ser racional e geométrica dando a entender que essa estrutura só era importante por causa dos sujeitos indisciplinados que habilitavam os EUA. Não havendo mais indivíduos de moral desregrada¹⁰ também não se fazia mais necessário haver ruas com traçado geométrico. Não havia mais tarados, assassinos e nenhum tipo de gente que pudesse pôr em risco a vida dos seres humanos “ideais” que residiam

⁷ O personagem do Jeca Tatu, criado por ML, representa bem o tipo do sujeito que a eugenia, pelo menos uma parte dela, visava combater, pois o Jeca era, dentre outras coisas, um homem mestiço, preguiçoso e doente. Para maiores detalhes ver a obra de STEPAN (2005).

⁸ Sobre a questão da eugenia, sobretudo nos esportes, ver LENHARO (1989) e sobre o combate ao alcoolismo encampado pela eugenia, consultar MATOS (2001).

⁹ O “[...] *Sangue está acima da justiça. O Sangre tem a sua justiça. E para a justiça do Sangre Branco e um crime dividir a América.*” (LOBATO, 1948, p. 272). Este assunto será abordado de forma mais detalhada nas próximas páginas.

¹⁰ Cogitou-se até a possibilidade de confinar todos os negros dos EUA na região amazônica (LOBATO, 1948, p. 248), isso para que não houvesse divisão territorial dos EUA.

em Eropolis. Essa cidade tinha “[...] *meandros irregulares, ganglionados magicamente de pelouses e muitas nupcias. [...] Os filhos de Eropolis passaram a constituir uma elite na America – a nova aristocracia dos filhos do Amor e da beleza.*” (LOBATO, 1948, p. 245-246).

A noite também foi alterada. Vejamos como era a noite do futuro:

A noite urbana que temos hoje não passa da noite natural picada de focos luminosos – um jogo, portanto, de sombra e luz. O que lá vi não recordava essa alternativa. Sofrera completa mudança a iluminação artificial – tamanha como a do transporte depois da vinda do rádio. Inventara-se a luz fria. Por dentro e fóra eram pintadas as casas de uma tinta de luar, que dava às cidades o aspecto de emersas de um banho de fosforo. Paredes, muros, telhados, todas as superfícies dimanavam um palor uniforme de sonho. Mas o escuro é tão necessario ao homem como o luminoso, de modo que todas as casas possuíam cômodos não revestidos de luar ou apenas aquarelados de leve. Que deliciosas penumbras vi no Oblivion Park, em Eropolis!... (LOBATO, 1948, p. 244-245).

Analise agora a *fronteira física* materializada no romance de ML e a forma na qual ele idealizou o futuro, não apenas o da região Conesul da América Latina, mas também do Brasil como um todo.

3. Fronteiras Geográficas de Lobato

A primeira menção que faremos à fronteira geográfica de Lobato aparece quando discute a presença do negro nos EUA. Uma das alternativas pensadas no momento pelo autor para resolver a questão da eugenia foi o “[...] *o expatriamento [do negro] para o vale do Amazonas*” (LOBATO, 1948). Todavia, o negro americano não aceitava essa troca de cidadania. Gostaria de permanecer nos EUA. O que nos interessa nesse momento é discutir como Lobato via a questão da fronteira geográfica. Essa fronteira aparece tanto na união dos EUA com o Canadá, que são para ele o máximo do desenvolvimento, quanto na divisão do Brasil em duas nações, que é o retrato do atraso, necessitando mirar-se no exemplo americano.

Cabe aqui destacar em quais momentos ele fala dessa separação do Brasil:

[...] o Antigo Brasil cindira-se em dois países, um centralizador de toda a grandeza sul-americana, filho que era do imenso foco industrial surgido às margens do Paraná. Com cataratas gigantescas ao longo do seu curso, acabou esse fecundo Nilo da América transformado na espinha dorsal do país que em eficiência ocupava no mundo o lugar imediato aos Estados Unidos. O outro, uma republica tropical, agitava-se nas velhas convulsões políticas e filológicas. Discutiam sistemas de voto e a colocação dos pronomes da semi-morta língua portuguesa. Os sociólogos viam nisso o reflexo do desequilíbrio sanguíneo conseqüente à fusão de quatro raças distintas, o branco, o negro, o vermelho e o amarelo, este ultimo predominante no vale do Amazonas (LOBATO, 1948, p. 214-215).

Logo a seguir, o autor nos explica as vantagens da separação geográfica dessas duas nações:

O Brasil temperado, além disso, continuou a ser um dos grandes países do mundo em território, visto como fundia no mesmo bloco a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. [...] Os povos deste sul abriram os olhos a tempo, viram que a espinha dorsal da zona era o rio Paraná e foram-se arrumando ao longo das suas quedas como costelas, formando um todo único, mais ligados pelos interesses econômicos e geográficos do que por vinculas de sangue (LOBATO, 1948, p. 215-216).

Uma das justificativas do autor, que poderia desapontar muitos desavisados de hoje sobre a velha rivalidade Brasil X Argentina, seria a de que a rivalidade são questões de sangue, superadas pela necessidade do desenvolvimento. Ou seja, pouco importa os motivos que levam a essa rivalidade, desde que haja superação econômica numa lógica que engendra a economia como um motor, descolado de uma certa realidade social, que poderia ser resolvida com uma limpeza étnica, e não uma solução de classes. Em outro momento, o autor nos diz que a natureza (mundo biológico e portanto predeterminado) confere algo, ao passo que os poderes públicos (mundo social e portanto historicamente construído) deviam apenas e então somente confirmar que o sangue valia mais que a lei.

Tentaremos agora entender como Lobato chegou à constatação de que era necessário separar o Brasil em duas nações para que ao menos uma delas se desenvolvesse.

Como vimos nos extratos da obra acima, Lobato fala-nos de uma nova divisão geográfica no Brasil: Uma ao norte, tornando-se a nação Amazônia e outra ao Sul, delimitando a nação Paraná, abarcando o Uruguai, o Paraguai e a Argentina. Esse marco divisório é interessante porque ele simboliza também a divisão norte X sul, comum aos Estados Unidos na sua lendária disputa entre os Estados das duas regiões. A diferença, nesse caso, é que nos Estados Unidos, o que é considerado desenvolvido é o norte, e o atraso é no sul.

Para entendermos o processo de inclusão dessa discussão na obra de Lobato, retomaremos a história da demarcação das fronteiras no sul do Brasil e seus reflexos.

O Sul do Brasil tinha passado no período Imperial pela Revolução Farroupilha. Embora o movimento não fosse separatista aos moldes de OPN, é possível que tenha lhe servido de cabedal para criar fantásticamente essa nova nação, porém, embasada na questão da raça, e não na questão econômica. Em que pesem as diferenças do que foi a Guerra dos Farrapos e a divisão regional que o autor discutiu, impressiona-nos a semelhança geográfica. Ademais, sabemos na

história que determinados pensamentos e ideologias podem sobreviver com aspectos e roupagens diferentes, mas eventualmente se apresentarem.

Em OPN, o autor remete-nos ao que é bom e ruim no Brasil. Defendendo uma política eugênica a ser desempenhada pelo Estado, Lobato aproveita-se desse maniqueísmo raça branca X raça negra e índia e o transporta para a fronteira da obra. Nela, reflete-se a dicotomia de que o sul, aliado à SP, sustenta o resto dos Estados provincianos e atrasados. Esses Estados atrasados eram um peso que os primeiros deviam carregar. Ademais, nota-se uma diferenciação entre os que trabalham e prosperam e os que ficam arraigados em suas tradições e se “atrasam”, tanto econômica, quanto culturalmente. Esses Estados, ao formarem o país “Amazônia”, ficam com tudo o que é considerado “escória”. Desde as tradições coloniais até a economia. Não é coincidente que, ao tentar resolver o problema do negro nos EUA, pensou-se no decorrer da obra em transferí-los para a Amazônia.

A fronteira física é preocupação das nações desde sua formação. Isso não se diferencia no Brasil. Devemos nos lembrar de algumas ações que o Estado Nacional levou a termo para mantê-las. Com o Paraguai, por exemplo – fronteira com o Estado do Paraná e Mato Grosso do Sul atualmente –, o tratado que delimitou limites foi em 1872. Quase meio século depois, ambos países editaram um tratado complementar – 1927 – que é posterior em 1 ano ao lançamento em livro de OPN.

Segundo Tau Golin, ao se pensar a fronteira territorial se deve levar em consideração a seguinte dubiedade. “Juntamente como ‘fronteira formal’ da linha, existem as fronteiras econômicas, sociais, culturais, ambientais, que podem limitar mais que a divisória, ao mesmo tempo em que são “[...] *menos perceptíveis*” ou *pouco compreensíveis pelo senso comum*”.” (GOLIN, 2002, p. 15). Lobato, ao pensar a fronteira proposta em OPN, estabelece ao lado dessa linha formal, as demais fronteiras, cabendo ao Paraná todo o desenvolvimento econômico, social e cultural aos moldes da cultura americana, com herança européia, em especial a “gente do *Mayflower*” (LOBATO, 1948, p. 203)¹¹. Em contrapartida, sobra à Amazônia a fronteira ambiental, aquela que remete à natureza, ao homem desregrado, sem limites, que vive num ambiente que não é temperado.

¹¹ *Mayflower* é o nome do navio que trouxe, no ano de 1620, 102 imigrantes puritanos ingleses para a América do Norte. Estes sujeitos eram separatistas protestantes. Fundaram a colônia de Plymouth, que fica no atual Estado de Massachusetts.

Outro aspecto relevante no caso analisado é a questão do poder que se constrói com essa divisão geográfica. O poder fica centrado no Paraná, que é a nação desenvolvida. Para Golin, as fronteiras são também “*o resultado de relações de poder*” (GOLIN, 2002, p. 16). Essa demarcação é a fronteira entre o civilizado e o inculto. Este último, guarda em si os traços presentes da cultura rural, lembrando os índios, considerados em muitos momentos como seres ahistóricos (GOLIN, 2002, p. 31).

Permeando toda a discussão de Lobato, também há um aspecto que gostaríamos de destacar: a política de ocupação das fronteiras no Brasil. Historicamente,

[...] a política imigrantista brasileira tratou de ‘promover o povoamento do território em áreas onde persistiam vazios demográficos, próximos às fronteiras internacionais ainda não inteiramente resolvidas, e de assentar trabalhadores brancos considerados mais eficientes e racialmente superiores aos negros e aos mestiços nacionais, meios considerados essenciais para formar uma economia moderna. O visconde de Abrantes considerava, em 1846, que os Estados alemães deveriam ser os viveiros de imigrantes para o Brasil (GOLIN, 2002, p. 45).

Numa publicação de 1941 de autoria do militar-comunista Nelson Werneck Sodré, a questão da presença do imigrante na fronteira também ficou bastante explícita. Sodré alertou que “*havia infiltração boliviana*” (SODRÉ, 1941, p. 114) no norte do Brasil e que era necessário que os “*orientadores e responsáveis pela coisa pública*” tomassem providências no sentido de não deixar o Estado Nacional fragilizado diante da presença de tais sujeitos.

Em parte Lobato partilha de um sentimento sobre essas fronteiras em sentido oposto ao de Sodré. Pensa em OPN um novo re-ordenamento dessas fronteiras. Como homem de seu tempo, percebeu a política estatal para o sul do país. Percebeu que lá estava, do ponto de vista estratégico, o limite que o Estado Nacional considerava como importante para desenvolver e proteger. Assim, pensando nesse limite geográfico, transferiu para a obra uma das preocupações que tinha a respeito do desenvolvimento nacional.

Com relação à fronteira com o Paraguai, temos que recordar o processo em que ela se deu. Lembremo-nos em primeiro lugar que o Brasil, aliado à Argentina e o Uruguai empreenderam uma guerra de combate a essa nação. Leon Pomer (1999) considerou que a guerra se deu porque interessava à Inglaterra. Podemos concordar que nações com desenvolvimento capitalista superior tendem a servir-se de guerras para obter lucros com a mesma.

Todavia, Doratioto (1996) ao tratar da questão da Guerra do Paraguai lembra que algumas explicações para a guerra não dão conta de entender todo o problema. Ele “*localiza as*

origens da Guerra do Paraguai no processo histórico da formação dos Estados Nacionais da região” (DORATIOTO, 1996, p. 10). Houve financiamento vindo da Inglaterra, mas todavia, não foram os ingleses que a começaram.

Desde essa época o Brasil tinha interesses financeiros na região platina. A navegação dos rios Paraná e Paraguai eram fundamentais para contato com o Mato Grosso, já que o Império tinha essa região muito destacada no território e de difícil acesso, o que poderia implicar em sua perda.

Doratioto (1996) lembra-nos que Uruguai e Argentina já tentavam ter hegemonia nessa região. Para tanto, precisavam de dominar a bacia do Prata, que tinha já um caráter internacional. Dominar essa região, significava lançar as bases de constituição de uma nação poderosa.

Algum tempo antes da Guerra, o Brasil já incentivava a independência formal do Paraguai, de forma que conseguisse livre acesso de navegação. Ao chegar no poder Solano Lopes a guerra acabou sendo deflagrada. Além da questão da navegação no Estuário do Prata, também houve a disputa da região produtora de erva-mate entre Paraguai e Brasil, que é o atual norte do Paraná e Cone-Sul do Mato Grosso do Sul.

Outro autor que discutiu a questão da disputa entre Brasil e Paraguai na região do Prata foi Domingos Laino (1979). O autor lembra que “[...] *a problemática geopolítica do Brasil na América Latina, com ênfase no antagonismo entre as bacias do Amazonas e do Prata, foi delineada na obra de Travassos, ‘Projeção Continental do Brasil, publicada em 1931’ [...]*” (LAINO, 1979, p. 12). Essa publicação é uma nova coincidência com a publicação de OPN. Datada de um lustro depois da impressão de OPN, concluímos que nesse período o Brasil tinha uma preocupação em ocupar essas fronteiras, e isso apareceu de alguma forma nas publicações que utilizamos para esse trabalho.

É interessante notar que Laino (1979) traçou a questão da disputa na região até períodos mais recentes, como a celebração do Tratado de Itaipu na década de 1970. Mais adiante ele localizou o fenômeno de penetração brasileira na região do Cone Sul, denunciando que

[...] fenômeno expansionista brasileiro começa a afetar gravemente as fronteiras de numerosos países da América Latina. Políticos e militares destas nações denunciam o fato: uns acreditam que o fenômeno consiste numa invasão econômica metódica e pacífica. Outros manifestam que é o resultado de uma expansão que faz sentir nas fronteiras a influência brasileira e que por sua vez canaliza a penetração. Ao mesmo tempo muitos estudiosos da geopolítica, encontram a explicação do fenômeno, na tradicional política da marcha para o Oeste, que data desde a época da colônia, e para outros, na política de fronteiras

em marcha, praticada pelo Brasil com fins expansionistas e por orientação regional da política hemisférica dos Estados Unidos da América (LAINO, 1979, p. 52-53).

Feitos esses apontamentos, torna-se patente destacar que a fronteira física, na obra ficcional de Monteiro Lobato não é qualquer fronteira física, mas sim um espaço que possui determinados sujeitos. Nesse sentido, a fronteira Amazônica pouca serventia tinha. Era mais um peso para o Brasil civilizado e branco do que um fator de progresso.

Portanto, separá-la e também os seus sujeitos, era um grande avanço, que possui sobretudo embasamento nas teorias eugênicas. Diversos foram os autores que discutiram o problema da definição das fronteiras no Brasil. No decorrer de nossos estudos, todos, de alguma forma, dialogaram sobre esse problema, o que nos evidencia que era salutar a definição de uma política de Estado para as fronteiras. Ao menos, parte da intelectualidade da época engajou-se nesse debate.

Lobato (1948), embora em seu romance de ficção se remeta ao futuro, possui olhos no passado e no presente, muito mais do que no que está por vir. Desta forma, o que se chama de previsão do futuro é muito mais um caminho escolhido pelo autor para falar sobre o presente sem lhe causar muitos embaraços.

Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas. O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 1996.
- CAPRA, Frank. *A Mulher Faz o Homem (Mr. Smith Goes to Washington)*, 1936.
- DORATIOTO, Francisco Fernando Monteoliva. *O conflito com o Paraguai: a grande guerra do Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- EMERSON, Ralph Waldo. Amor. In: *Ensaíos*. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- GOLIN, Tau. *A fronteira: governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- GÓMEZ, Zandra Pedraza. Corpo, Pessoa e Ordem Social. In: *Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, Corpo e Cultura*. São Paulo: Educ, n. 25, 2002.
- LAINO, Domingos. *Paraguai: fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global, 1979.
- LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1989.
- LOBATO, Monteiro. A Minha Aurora. In: *O Presidente Negro ou o Choque das Raças*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- _____. O presidente negro. In: _____. *A onda verde e o presidente negro*. São Paulo: Brasiliense, 1948, v. 5.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: EDUSC, 2005.
- _____. *Meu lar é o botequim*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nacional, 2001.
- MOSCA, Gaetano. A classe dirigente. In: SOUZA, Amaury de (Org.). *Sociologia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos EUA*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- PARETO, Vilfredo. As elites e o uso da força na sociedade. In: SOUZA, Amaury de (Org.). *Sociologia política*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

- PIKE, Fredrick B. Natureza e Cultura: América Latina, Mitos e Estereótipos nos Estados Unidos nas décadas de 20 e 30. In: *Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP*, Natureza e Poder, São Paulo: Educ/Fapesp, n. 23, 2001.
- POMER, Leon. *As independências na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- QUAGLINO, Maria Ana. Noções de raça e eugenia em Monteiro Lobato: vida e obra. In: *XI Encontro Regional de História ANPUH-RJ – Tema: Democracia e conflito (2004)*. Disponível em: <<http://www.rj.anpuh.org/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Maria%20Ana%20Quaglino.doc>>. p. 5-7. Acesso em: 9 jun. 2008.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Oeste: ensaio sobre a grande propriedade pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- TOTA, Antonio Pedro. Entre Berlim e Nova York: paradigmas e paradoxos no Brasil dos anos 40. In: *Revista Projeto História do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP*, Cultura e Representação. São Paulo: Educ, n. 14, 1997.
- WEBER, Max. A Ciência Como Vocação. In: *Ciência e Política*. Duas Vocações. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.